

O livro dos
Monstros!



Recontado por Fran Parnell
Ilustrado por Sophie Fatus

Traduzido por Heloisa Jahn

*Para mamãe, papai e Liam, com uma quantidade monstro de amor;
e para Suzanne, porque é minha amiga e porque posta coisas*

F. P.

*Para Andrea
S. F.*

Copyright do texto © 2003 by Fran Parnell
Copyright das ilustrações © 2003 by Sophie Fatus

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original: *The Barefoot book of monsters!*

Revisão: Adriana Moreira Pedro e Andressa Bezerra da Silva

Composição: Lilian Mitsunaga

2011

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORAR SCHWARCZ LTDA.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP — Brasil
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.companhiadasletrinhas.com.br

Esta obra foi composta em Skia e impressa pela Geográfica
em ofsete sobre papel Couché Reflex Matte da Suzano Papel e Celulose para a Editora Schwarcz em abril de 2011.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Parnell, Fran
O livro dos monstros! / recontado por Fran Parnell;
ilustrado por Sophie Fatus ; traduzido por Heloisa Jahn. —
São Paulo : Companhia das Letrinhas, 2011.

Título original : *The Barefoot book of monsters!*
ISBN 978-85-7406-478-9

1. Ficção - Literatura infantojuvenil i. Fatus, Sophie.
ii. Título.

11-01490

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura infantil 028.5
2. Ficção : Literatura infantojuvenil 028.5

A marca FSC é a garantia de que a madeira utilizada na fabricação do papel deste livro provém de florestas que foram gerenciadas de maneira ambientalmente correta, socialmente justa e economicamente viável, além de outras fontes de origem controlada.

O livro dos **Monstros!**



SUMÁRIO

O terrível CHINU

Micmac/Passamaquoddy — América do Norte



página 6



O MONSTRO do Furacão

Aborígene — Austrália



página 14



O abominável HOMEM das Neves

Nepal



página 22



A garota Sem Medo

Bantu — África do Sul



página 32



Rona Dentões

Taiti



página 42



O ogro empolmando

Itália



página 52



FONTEs

página 64

O terrível CHINU

Micmac/Passamaquoddy — América do Norte

EM CERTO OUTONO do começo do mundo, um casal se afastou da tribo para caçar a noroeste de lá. Eles logo encontraram uma clareira agradável no meio da floresta de pinheiros e resolveram passar o inverno ali. Armaram a tenda, e todos os dias o marido ia caçar enquanto a mulher preparava e secava a carne para que houvesse alimento suficiente para todo o longo inverno. Tudo correu bem durante algum tempo; havia muita caça, o tempo estava bom, e o casal vivia feliz na pequena clareira.



Num dia frio de outono, enquanto o marido estava fora, caçando, a mulher saiu para recolher lenha. O assobio súbito do vento gelado e um ruído farfalhante nos arbustos próximos atraíram seu olhar. O que ela viu a deixou gelada. De olhos fixos nela estava um velho e malvado Chinu. Ele tinha uma expressão de lobo faminto e seus dentes eram afiados e pontiagudos como os de um urso. Percebia-se que era tão velho quanto a terra. No seu peito batia um coração cruel e antigo, mais frio que o gelo. O Chinu viera de longe, do norte, voando no vento gélido, e a longa viagem lhe dera fome. Na verdade estava com uma fome pavorosa: só pensava num bom naco de carne suculenta.

A mulher tremeu inteirinha de medo. Só que ela era esperta como uma raposa e não pretendia acabar seus dias como comida de Chinu. Pensando depressa, jogou os gravetos no chão e com um grito de surpresa e prazer pendurou-se no pescoço do velho Chinu, abraçando-o com força, na maior alegria.

— Papai! — ela exclamou. — Que surpresa maravilhosa! Você está ótimo! Que amor que você é, vir de tão longe para nos visitar!



Depois ela estendeu os braços, afastando aquele ser selvagem, e olhou para ele de cima a baixo, com expressão intrigada.

— Mas onde foi parar sua roupa, papai? Você deve estar congelado! Entre na tenda, venha se aquecer! — Sem parar de falar, ela puxou o monstro pela mão.

O Chinu estava boquiaberto. Já tinha comido muita gente



antes e em geral as pessoas gritavam ou tentavam escapar; outras pura e simplesmente desmaiavam antes de serem engolidas. Mas o Chinu ficou tão surpreso que até se esqueceu de comer a mulher. De puro espanto, foi andando atrás dela e entrou na tenda, depois deixou que ela o vestisse com uma camisa de pele de alce, suspensórios de couro e um belo par de mocassins. Ficou tão agasalhado que até parecia um bebê enrolado em um cueiro.

— Pronto, papai, bem melhor assim, não? — disse a mulher com firmeza. — E agora só falta uma boa fogueira para acabar de aquecer seus velhos ossos. Vou até ali catar alguns gravetos para acender o fogo.

A mulher saiu depressa da barraca, mas seus joelhos voltaram a tremer quando ela viu o terrível Chinu apanhar um machado e vir atrás dela.

— Pelo Velho Sábio! — exclamou. — Ele vai me picar inteira!

Mas não: o que o Chinu queria era derrubar as altas árvores da mata. Os grandes pinheiros foram tombando um após o outro, ao redor dele. Parecia até que ele estava cortando grama. Metade da floresta já estava no chão quando a mulher gritou:

— Papai! Assim está bom! Já temos lenha suficiente!



Sem falar nada, o Chinu começou a recolher as árvores tombadas e a empilhá-las com cuidado atrás da tenda. Nesse momento a mulher viu o marido se aproximar por entre os tocos, olhando em torno admirado. Antes que o monstro o avistasse, a mulher explicou rapidamente ao marido o acontecido, de modo que ao se aproximar do Chinu o homem foi logo dizendo:

— Meu sogro! Que bela surpresa! Hoje consegui alimentos suficientes para fazermos uma refeição caprichada enquanto você nos dá notícias de casa!



Quando os três se sentaram para comer, o Chinu continuava sério e silencioso.

Mesmo apavorados, o marido e a mulher comeram com gosto, conversando sobre a tribo. Fizeram comentários sobre os vizinhos e tentaram imaginar o que os familiares e amigos estariam fazendo naquele momento: será que estavam bem, gozando de boa saúde?

O homem e a mulher ofereceram ao monstro carne fresca de caribu, espirais de abóbora seca e café de milho quentinho, mas ele nem quis comer muito. Preferiu ficar ouvindo a conversa, atento, e pouco a pouco suas feições monstruosas adquiriram um ar gentil. Ele nunca tivera família nem amigos. No norte distante onde morava, os Chinus atacavam-se uns aos outros sempre que se encontravam. Soltando berros pavorosos, inchavam de raiva e suas cabeças tocavam as nuvens. Depois, passavam dias lutando, até o céu trovejar e a terra tremer com seus gritos de guerra. O barulho era tanto que dava para ouvir as batalhas a milhares de quilômetros de distância, e as pessoas das terras do sul não conseguiam dormir à noite, de medo, ouvindo aquele estrondo temível. O vencedor da batalha dos Chinus subia num dos ventos furiosos que sopravam por lá e saía voando em busca de outro monstro com quem lutar, ou de algum valente para devorar.

Mas, enquanto ouvia a conversa do homem e da mulher, uma coisa muito estranha aconteceu com aquele Chinu. Seu coração gélido foi tocado pela gentileza do casal. Confuso com a acolhida generosa dos dois, ele se rendeu.



Mais que tudo, o coração do Chinu dançava de alegria quando o casal falava delicadamente com ele e o chamava de "papai". Seus pensamentos sanguinários se dissiparam. Ele parou de desejar comer as pessoas e decidiu, sem maiores vacilações, que ia viver até o fim de seus dias com aquele casal tão simpático.

E foi isso o que fez. Para grande surpresa dos dois, daquele dia em diante o monstro ficou morando com eles. Amável e prestativo, ajudava-os a caçar e a cortar lenha. O homem e a mulher perderam o medo dele. Quando o inverno chegou e a neve os obrigou a ficar em casa, o Chinu, pacientemente, confeccionou flechas novas para o homem e ajudou a mulher a enfeitar as roupas com continhas e farpas de porco-espíno. Durante as longas noites de inverno, quando o casal se aconchegava perto do fogo embaixo de suas grossas túnicas, ele lhes contava histórias mágicas. Em pouco tempo os dois começaram a amar o velho Chinu como se ele fosse mesmo um membro da família.



Com a chegada da primavera, a neve dos pinheiros derreteu e o rio descongelou. O homem e a mulher se prepararam para voltar para junto da tribo. O Chinu partiu com eles, carregando a barraca nas costas e avançando a grandes passadas. À medida que o trio foi avançando para o sul, porém, seus passos foram diminuindo de tamanho e ele ficou cada vez mais fraco. Como era do norte, a neve e o gelo não o afetavam, mas a aragem cálida da primavera corroeu sua energia. A mulher e o homem insistiram para que ele voltasse, queriam que ele embarcasse no vento e fosse para o norte. Mas o Chinu mudara tanto que já não queria retornar aos rigores de sua terra; além disso, jurara ao casal que ficaria para sempre a seu lado. Quando encontraram a tribo, o velho Chinu estava tão fraco e cansado que o casal teve de carregá-lo.

Assim que os três se reuniram à tribo, todas as pessoas se aglomeraram em torno do monstro, maravilhadas. As feições dele, antes terríveis, agora tinham um ar pacífico, e ninguém sentiu medo dele.

Na verdade todo mundo fez o possível para ajudar o Chinu, mas ele estava velho e cansado, e o ar morno do sul esgotou suas forças. No fim, seu coração gelado derreteu por completo, e o Chinu morreu. Só que ao morrer era o Chinu mais feliz do mundo, pois encontrara uma coisa que nenhum outro Chinu tivera até aquele dia — a amizade verdadeira. O homem e a mulher nunca esqueceram o antigo companheiro, sempre sentiam saudade dele. Era comum os dois darem boas risadas recordando como o velho Chinu, surpreso, arranjara dois "filhos" num dia frio de outono.